

Unila – Universidade Federal de Integração Latino-Americana, Foz do iguaçu, 28 a 30 de setembro de 2011

Organizadores da publicação: Alai Garcia Diniz e Fleide Daniel de Albuquerque

Organização, execução e patrocínio: **UNILA e Itaipu-Paraguay**
Parceria: NELOOL/UFSC & Universidad de VIGO

Nelool – Núcleo de Estudos de Literatura, Oralidade e Outras Linguagens - www.nelool.ufsc.br

Junho de 2012

_____; Parnet, Claire. **Diálogos**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder – saber**. Trad. de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos e escritos; IV).

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

NEGRI, Antonio e HARDT, Michel. **Império**. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B. Lacerda e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DpeA editora, 2002.

RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo, (Org.), **Figuras de Foucault**, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2008.

ROLNIK, Suely. “Toxicômacos de identidade: subjetividade em tempo de globalização”. In: LINS, Daniel (org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997.

Fronteiras literárias: as línguas ibéricas e oportunhol

Fábio Aristimunho Vargas

Doutorando UFPR

Introdução

A Península Ibérica é um jardim milenar onde germinaram, floresceram e murcharam línguas com origens as mais diversas: célticas, fenícias, latinas, germânicas, moçárabes, entre outras. O convívio de numerosas línguas num espaço geográfico tão restrito sempre gerou conflitos, levando a um processo de (im/o/sobre)posição de umas em relação às outras. Esse processo não é estranho aos idiomas que atualmente gozam do *status* de oficialidade na região (português, espanhol, galego, catalão/valenciano e basco), com importante impacto nas respectivas literaturas.

O presente trabalho pretende tratar das relações entre as diferentes literaturas ibéricas, em especial quanto ao bilinguismo literário e às mútuas influências, estabelecendo um paralelo com o contexto sul-americano, em que o contato entre o português e o espanhol tem apresentado como resultado mais expressivo, para além das inflexões recíprocas, uma linguagem literária totalmente nova, baseada na interlíngua da fronteira: a florescente literatura em portunhol.

1 Fronteiras literárias na Península Ibérica

Na Península Ibérica as fronteiras linguísticas, caracterizadas pela sobreposição de idiomas como o espanhol, catalão, basco, galego e português, gerou importantes repercussões nas literaturas locais. As manifestações dessas fronteiras literárias serão a seguir analisadas.

1.1 As literaturas ibéricas

A Península Ibérica é, historicamente, uma região com grande diversidade linguística, sobretudo no território da Espanha. “Coabitam” hoje seu diminuto território mais de dez línguas autóctones, com diferentes níveis de difusão e prestígio entre os seus falantes e os não-falantes que as rodeiam. No território de Portugal fala-se o português e o mirandês. Na Espanha há o castelhano ou espanhol, o catalão/valenciano, o galego, o basco (as quatro línguas oficiais do país desde Constituição de 1978), o aragonês, o asturo-leonês, o estremenho e o aranês. Delas todas, cinco línguas conformam hoje um sistema literário maduro, com uma sólida tradição de autores a

empregar sua linguagem literária. Referimo-nos às literaturas portuguesa, espanhola, catalã, galega e basca.



Mapa: as línguas oficiais da Espanha.

Literatura portuguesa é a literatura escrita em português por portugueses. A poesia galego-portuguesa, desenvolvida na Idade Média, patrimônio comum compartilhado com a atual literatura galega, foi seu nascedouro. A língua portuguesa é falada pela totalidade dos portugueses, uma população estimada em cerca de 10,5 milhões de habitantes (canso de 2011). Afora o Barroco no séc. XVII, a literatura portuguesa permaneceu relativamente imune à influência da literatura espanhola, em comparação às demais literaturas ibéricas.

Literatura espanhola é a literatura produzida na Espanha ou por espanhóis em língua castelhana. O espanhol ou castelhano é a língua oficial de todo o território da Espanha, sendo falado como língua materna por grande parcela de sua população, estimada em cerca de 45 milhões segundo dados de 2007, e como língua dominante em estado de diglossia em algumas regiões. Da literatura espanhola derivou a literatura hispano-americana, que é aquela produzida em espanhol nas Américas. Alguns autores consideram integrantes da literatura espanhola as antigas literaturas hispanolatina, judeu-espanhola e árabe-espanhola, desenvolvidas nas línguas latina, hebraica e moçárabe na Península Ibérica durante a Idade Média. Embora por vezes se considerem as *jarchas*, breves composições líricas escritas em árabe vulgar ou em moçárabe, do séc. XI, como a primeira manifestação da literatura espanhola, parece mais corrente considerar-se *El Cantar de Mio Cid*, poema épico datado de entre os sécs. XII e XIII, como sua obra inaugural.

Literatura galega é o conjunto de obras literárias escritas em língua galega, de que também fazem parte as cantigas galego-portuguesas, patrimônio comum com a literatura portuguesa. Alguns autores englobam sob a denominação de literatura galega toda a literatura historicamente produzida na Galiza, tanto em galego quanto em castelhano ou latim, mas parece predominar modernamente o entendimento de que literatura galega é aquela produzida em galego e, no caso dos textos medievais, em galego-português. O galego é atualmente falado por cerca de 2,5 milhões a 3 milhões de pessoas, na Galiza e em regiões do Principado das Astúrias e das províncias de Leão e Zamora. É reconhecido por linguistas como parte de um diassistema linguístico denominado galego-português, que engloba as línguas galega e o português. Atualmente o emprego do galego é majoritário apenas nas áreas rurais, sendo que o castelhano aparece como língua dominante nas maiores cidades. A língua galega é, desde 1982, oficialmente normatizada pelo Instituto da Língua Galega (ILG) e pela Real Academia Galega (RAG); no entanto algumas entidades, como a Associação Galega da Língua (AGAL) e o Movimento Defesa da Língua (MDL), promovem uma normativa paralela, denominada *reintegracionista*, que propugna uma ortografia galega semelhante à ortografia do português, criticando a normativa ILG-RAG como excessivamente castelhanizada e castelhanizante. Por outro lado muitos escritores galegos contemporâneos têm optado por escrever diretamente em português.

Literatura catalã é a literatura produzida em língua catalã e, a despeito de discussões sobre a suposta autonomia linguística do valenciano, também na variante valenciana do idioma. O catalão é falado por cerca de 9,1 milhões de falantes, segundo de 2003, distribuídos pelos seguintes territórios, que conformam os denominados *Països Catalans*: na Espanha, a Catalunha (exceto o Val d’Aran), Franja de Ponent (faixa territorial de Aragão), Ilhas Baleares, País Valenciano (exceto o interior); fora da Espanha, Principado de Andorra (onde é a única língua oficial), Departamento dos Pirineus Orientais na França (ou Catalunha Norte) e a cidade de Alghero (l’Alguer em catalão) na Sardenha, Itália. No País Valenciano a língua é oficialmente denominada valenciano (*valencià*), fato político que não rompe com a efetiva unidade linguística que forma com as demais regiões.

Literatura basca é o conjunto da produção literária em língua basca. O critério definidor dessa literatura é o idioma, e não a territorialidade ou a ascendência do autor: os escritores que compuseram em outras línguas, sobretudo em castelhano e em francês, inscrevem-se na tradição literária dessas línguas, sendo considerados parte da literatura basca apenas os autores que escreveram em basco. O basco, autodenominado *euskara* ou *euskera*, é atualmente falado por cerca de 630 mil falantes, segundo dados de 2001. A língua distribui-se pela Comunidade Autônoma do País Basco e Comunidade Foral de Navarra, na Espanha (País Basco peninsular ou espanhol, denominado *Hegoalde*), e no Departamento dos Pirineus Atlânticos, na França (País Basco continental ou francês, chamado *Iparralde*). Esse conjunto de territórios tradicionalmente se denomina *Euskal Herria*, traduzível como País Basco em português. O basco é a única língua de origem não indo-europeia falada na Europa Ocidental e a mais antiga de toda a Europa. É uma

língua isolada, sobrevivente às diversas invasões de que a Península Ibérica foi palco, tendo testemunhado o florescimento e decadência das línguas célticas, do latim, das línguas germânicas, do judeu-espanhol e do moçárabe, sobrevivendo hoje à sobreposição do castelhano e do francês.

1.2 Bilinguismo literário

É corriqueiro o bilinguismo literário no contexto ibérico, com escritores produzindo obras expressivas em duas línguas distintas. Ocorrem situações como a produção de obras paralelas e independentes em cada língua por um mesmo autor, como é o caso de Rosalía de Castro (1837–1885), que escreveu poesia em galego e espanhol, tornando-se uma escritora canônica em ambas línguas, e também o maiorquino Joan Alcover (1854–1926), que iniciou sua carreira poética em espanhol mas afinal decidiu empregar tão-somente o catalão em suas composições, tornando-se uma dos autores mais destacados dessa literatura em sua época. Escritores portugueses como Gil Vicente (1465–1536?), Sá de Miranda (1481–1558) e Luís Camões (1524–1580) produziram obra profícua também em espanhol.

São frequentes as situações em que uma mesma obra é produzida simultaneamente em duas línguas pelo autor, a ponto de não se poder distinguir a língua original e a de “tradução”. É o caso de diversos escritores bascos, em especial do séc. XX, tais como Lauaxeta (1905–1937), que cultivava igual zelo por questões de sonoridade, métrica e rima ao compor um poema simultaneamente em basco e espanhol.

Há ainda o exemplo de autores que, após redigir a obra em uma determinada língua, normalmente na minoritária, tradu-la ele mesmo à língua majoritária, como forma de ampliar seu acesso e contribuir para a difusão do idioma. É o caso de diversos autores bascos, sobretudo do séc. XX, cujas “autotraduções” podem mesmo ser consideradas fontes primárias de acesso à obra, a exemplo de Xabier Lizardi (1896–1933).

À parte a autotradução, nota-se de todo modo uma efervescente atividade tradutória no contexto ibérico, com o objetivo de difundir na língua majoritária obras originalmente concebidas na língua minoritária. O basco, por exemplo, como língua tardiamente normalizada, beneficiou-se enormemente da tradução de obras originárias de outras línguas, o que por si só contribuiu para o desenvolvimento da língua e de uma linguagem literária, além da introdução de novas tendências da literatura. Nas décadas de 1970 e 1980 a tradução se converteu em uma importante ferramenta da produção cultural basca, contando até hoje com importantes subsídios do governo basco para a publicação bilingue de obras originalmente concebidas na língua basca.

1.3 Influências mútuas

Outra consequência direta da proximidade e sobreposição de línguas no contexto peninsular é a influência mútua que as diversas literaturas historicamente exerceram ou vêm exercendo umas sobre as outras.

Podem-se enumerar como ilustrativas dessa influência as seguintes evidências:

- o emprego do galego-português como língua literária por parte de autores castelhanos no séc. XIII, a exemplo do rei de Castela e de Leão Afonso X o Sábio (1221–1284) e sua compilação das Cantigas de Santa Maria;
- a marcada influência do poeta valenciano Àusias March na obra do espanhol Garcilaso de La Vega;
- introdução do Barroco, de origem espanhola, em Portugal no séc. XVII;
- a afluência de uma vertente barroca (ou barroquizante) na literatura catalã entre os sécs. XVII e XVIII;
- a própria criação de uma linguagem literária em basco a partir de modelos castelhanos;
- o advento dos jogos florais como acontecimento “reinaugurador” das literaturas catalã e basca.

1.4 A dialética histórica das literaturas ibéricas

À primeira vista, as cinco literaturas contemporâneas da Península Ibérica (portuguesa, espanhola, catalã, galega e basca) parecem isoladas entre si, cada uma fechada em sua respectiva língua, em seus códigos de identidade e em seus valores culturais. O aparente isolamento se deve, no entanto, mais ao discurso de auto-afirmação da nacionalidade (nacionalidade em sentido sociológico, não jurídico) do que verdadeiramente à práxis literária.

Em um viés historicista, é possível verificar que essas literaturas sempre foram bastante permeáveis a influências umas das outras, podendo-se mesmo afirmar que sua evolução se deu de forma conjunta, obedecendo a certos princípios que orientam as inter-relações entre elas. O conjunto dessas tendências históricas que se observam ciclicamente nas relações entre as literaturas galega, espanhola, catalã e basca, sobretudo no âmbito da poesia, é o que propomos aqui denominar *dialética histórica das literaturas ibéricas*.

Essa relação dialética estabelecida entre as literaturas peninsulares baseia-se na alternância de posições de predomínio de uma sobre as demais. Quando uma delas está em seu auge, as demais se encontram de certa maneira a ela subordinadas, adotando os padrões estéticos por ela informados.

Indo mais além, é possível observar em determinados momentos históricos uma alternância muito clara entre as posições de esplendor, decadência, ascensão e estagnação. Trata-se de uma verdadeira “dança das cadeiras”, em que cada uma das quatro literaturas ocupará uma posição determinada em face das demais. Isso fica mais evidente ao se comparar os seus respectivos períodos históricos.

Convém esclarecer que excluimos dessa comparação a literatura portuguesa, por suas peculiaridades dentro do contexto ibérico e por ter se afastado desde cedo do domínio político de Castela. A partir do séc. XIV a literatura portuguesa e a galega irremediavelmente tomam rumos autônomos, distanciando-se cada vez mais.

Comparando-se os ciclos históricos de cada uma das literaturas aqui abordadas, pode-se constatar a existência de alguns períodos-chaves na inter-relação estabelecida entre elas. Propomos aqui a seguinte classificação, inédita, desses períodos, com base em suas características preponderantes:

- I. **Era galego-portuguesa** (sécs. XII e XIII): esplendor da poesia galego-portuguesa; primeiras manifestações das literaturas catalã e espanhola; não há registros de manifestações literárias em língua basca.
- II. **Era valenciano-catalã** (sécs. XIV e XV): esplendor da literatura catalã; literatura galega em decadência; literatura espanhola em ascensão; poesia basca estagnada em sua tradição oral; literatura portuguesa em trajetória ascendente.
- III. **Era castelhana** (sécs. XVI e XVII): esplendor da literatura espanhola com o Barroco; literatura catalã em decadência; literatura basca em ascensão; literatura galega estagnada nos Séculos Escuros, que representam uma ruptura com a tradição literária medieval.
- IV. **Ilustração e Romantismo** (séc. XVIII a c. 1860): poesia galega em tímida ascensão; poesias catalã e basca em decadência; poesia espanhola relativamente estagnada.
- V. **Renascimentos** (c. 1860 a 1939): ascensão, esplendor e decadência das literaturas galega, catalã e basca; novas inflexões da literatura espanhola; a Guerra Civil Espanhola como elemento de ruptura e fator de convergência.
- VI. **Era das Crises** (1940 em diante): estagnação abrupta das literaturas galega, espanhola, catalã e basca; Crise do Pós-Guerra; Crise da Pós-Modernidade.

Faremos a seguir uma breve análise de cada um desses períodos.

1.4.1 Era galego-portuguesa (sécs. XII e XIII)

Entre os séculos XII e XIII o trovadorismo galego-português experimenta seu esplendor. A predominância da literatura de expressão galego-portuguesa é nesse momento tão avassaladora que acaba por impor padrões aos escritores de toda a

Península, levando-os inclusive a adotar uma nova língua de manifestação literária. Destacam-se autores de expressão galego-portuguesa como Martim Codax, Meendinho, Airas Nunez, Pero da Ponte, Joam de Cangas, Afonso X, Paio Gomez Charinho, entre inúmeros outros.

Esse período vai encontrar as literaturas espanhola e catalã ainda claudicantes, buscando afirmar-se como expressão cultural após seus primeiros registros escritos. A literatura oral espanhola encontra ainda grande espaço nesse período, sobretudo na forma tradicional dos *romances*. Não há ainda nesse momento registros de manifestações literárias em língua basca.

1.4.2 Era valenciano-catalã (sécs. XIV e XV)

Esse período representa o esplendor da literatura em língua catalã, que vivenciava o Século de Ouro Valenciano com escritores como Jaume March, Jordi de Sant Jordi, Ausiàs March, Joan Roís de Corella, entre outros. A literatura catalã então produzida viria a deixar sua marca nas demais literaturas da Península. Isso pode ser constatado a partir da clara influência recebida por um poeta como Garsilaso de la Vega (1501–1536) da obra do poeta valenciano Ausiàs March (c. 1397–1459), conforme assinalado por, dentre outros críticos, GARCÍA SIMÓN (s.d.).

Por outro lado, esse período testemunha a franca decadência da literatura galega de expressão galego-portuguesa. A era de esplendor anterior é rapidamente superada, ao tempo em que a Galiza se vê cada vez mais absorvida pelas guerras civis castelhanas e pelas sucessivas crises políticas, fatos que impedem ali a consolidação de um sistema literário prestigioso como o que se vivenciara na Idade Média. Também a língua galega vai cedendo espaço como instrumento de cultura para a língua espanhola.

Já a literatura espanhola encontra-se em relativa ascensão, embora em grande parte ainda presa a modelos eclesiásticos e medievais. O Marquês de Santillana e Jorge Manrique são alguns dos autores que se sobressaem no período.

De sua parte, a literatura basca encontrava-se ainda estagnada nos seus padrões orais. As manifestações populares, na forma de poemas épicos, baladas e canções, transmitiam-se pela via da tradição oral, bastante forte até os dias de hoje entre o povo basco. Essas obras orais só viriam a ser transcritas muito tardiamente, a partir do séc. XVI. Algumas das canções tradicionais mais famosas seriam transcritas apenas no séc. XIX.

1.4.3 Era castelhana (sécs. XVI e XVII)

Os séculos XVI e XVII deparam com a poesia espanhola em seu máximo esplendor. Vivenciavam-se então os Séculos de Ouro, com escritores como Garcilaso de la Vega, Santa Teresa de Ávila, Frei Luis de León, São João da Cruz, Luis de Góngora, Lope de Vega, Francisco de Quevedo, Calderón de la Barca, entre diversos outros. Os padrões estabelecidos pela literatura espanhola orientariam decididamente todas as demais literaturas peninsulares, inclusive a literatura portuguesa, influenciada pelo Barroco Espanhol.

Nesse período em que a literatura espanhola se exercia no auge de sua expressão, a literatura catalã se abismava no período conhecido como *Decadència*, com uma produção literária que se enquadra nos padrões do Barroco, Neoclassicismo e Ilustração. O Barroco Catalão é fruto direto da já esmagadora preponderância de Castela na geopolítica ibérica. São ilustrativos desse período autores como Pere Serafi, Joan de Timoneda, Francesc Vicenç Garcia, Francesc Fontanella, entre outros.

A literatura galega permanecia estagnada dentro do período conhecido como Séculos Escuros, três séculos em que a produção literária em língua galega foi praticamente nula. Disso resulta uma ruptura insuperável entre a tradição literária medieval e a literatura galega moderna. De qualquer forma havia alguma produção literária ainda que incipiente, conforme assinalado por VARELA JACOME ao comentar uma viagem de Lope de Vega à Galiza:

al desembarcar en La Coruña, en 1588, de la nave San Juan, una de las salvas del desastre de la Invencible, y atravesar nuestra región, no descubriría ningún poeta importante (...) En realidad, no existe esa laguna que han querido ver algunos historiadores de nuestra literatura (...) Los nobles gallegos que frecuentaban la corte cultivaban la literatura. (VARELA JACOME, 1951, p. 97-98)^x

Já a literatura basca desse período encontrava-se em plena ascensão, iniciando sua manifestação escrita com a publicação do primeiro livro em língua basca: o poemário *Linguae Vasconum Primitiae* (1545), de autoria do padre Bernat Etxepare (1480?-?).

1.4.4 Ilustração e Romantismo (séc. XVIII a c. 1860)

Nesse período os padrões estéticos vêm de fora da Península. A Ilustração, corrente de pensamento predominante no séc. XVIII, caracteriza-se por uma atitude de pensamento e de ação voltada para a reflexão racional. Para as Poesias de Espanha, em comparação com as demais literaturas europeias, a Ilustração foi um período de relativa estagnação.

Em meados do séc. XIX as quatro literaturas passam a ter em comum os valores do Romantismo, incorporados de acordo com as idiossincrasias locais. O Romantismo no País Basco e nos Países Catalães se materializa na realização de Jogos Florais, certames literários que se prestavam à difusão da língua e da literatura locais. O País Basco contou ainda com um poeta andarilho e trovador como Etxahun (1786-1862), com uma biografia repleta de infelicidades e tragédias pessoais, a ponto de torná-lo um personagem romântico reconhecido por toda a Europa. A poesia espanhola contava com escritores como Espronceda e Bécquer, enquanto que a literatura galega marchava na trilha do Pré-Ressurgimento, ao resgatar a tradição literária em língua galega.

1.4.5 Renascimentos (c. 1860 à Guerra Civil)

O período que vai de meados da segunda metade do século XIX até a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) é marcado pelo renascimento das literaturas galega (*Rexurdimento*), catalã (*Renaixença*) e basca (*Eusko Pizkundea*), que conjuntamente atingem um novo período de esplendor. Essa época coincide com a industrialização e consequente enriquecimento das regiões periféricas da Espanha, em especial da Catalunha e do País Basco, e com a alvorada de seus movimentos nacionalistas, que buscavam revalorizar a cultura e os costumes locais. Nesse contexto é possível entender o súbito prestígio de que passam a gozar os idiomas locais, o que implicou um imediato florescimento das literaturas galega, catalã e basca. Conforme destaca o crítico basco IÑAKI ALDEKOA:

El romántico siglo XIX sintió una especial predilección por las culturas populares como manifestación de su espíritu. El énfasis puesto en el pueblo o, cuando menos, en aquella parte del mismo que revelaba su fisionomía primigenia, dirige su mirada hacia las prácticas y manifestaciones –trabajos y juegos– que guardan el sabor de las virtudes tradicionales y sus rasgos morales. La lengua vasca se revelaba como su salvaguarda. (ALDEKOA, 2004, p. 90)^x

O início do séc. XX é marcado pelas correntes vanguardistas, incorporadas de maneira desigual pelas quatro literaturas. A poesia basca aproveitou o Modernismo para atualizar-se e reinventar-se; as literaturas catalã e galega acompanharam de perto toda a revolução vanguardista; já a literatura espanhola tardou a assimilar os novos códigos estéticos, fazendo-o afinal e tardiamente por influência da literatura hispano-americana, ademais de ter sido profundamente marcada pelas novas inflexões concebidas pela Geração de 98 e pela renovação estética introduzida pela Geração de 27.

A Guerra Civil Espanhola afinal surpreende as quatro literaturas em um período de inédito equilíbrio, quando partilhavam um único momento de esplendor em comum. Com o desaparecimento de toda uma geração de escritores, perdida na guerra e no exílio, as quatro literaturas se veem lançadas conjuntamente em um movimento de irremediável decadência.

1.4.6 Era das Crises (1940 em diante)

Se por um lado a Guerra Civil representa um elemento de ruptura interna para cada uma das quatro literaturas, por outro lado representa um ponto de convergência inédito entre elas, que as aproximara pela primeira vez na história a partir das questões que se lhes impunha.

Questões como “o que fazer para superar a decadência?”, “como recuperar o estado de normalidade literária?”, “como enfrentar a restrição linguística imposta pelo governo centralizador da Espanha que emergiu da guerra?” são pontos em comum que aproximam e irmanam as quatro literaturas, sobretudo as periféricas. Pela primeira vez na história, as literaturas galega, espanhola, catalã e basca têm algo em comum além da proximidade ou sobreposição geográfica: os questionamentos levantados pela Crise do Pós-Guerra. As respostas para essas perguntas serão encontradas de maneiras diversas por cada uma das literaturas. Essa crise será afinal superada, ainda que de maneiras e em tempos desiguais, sendo então substituída por uma crise de outra ordem, a que podemos chamar de Crise da Pós-Modernidade.

Ao analisar a poesia espanhola posterior aos anos 1970, Calles Vales e Bermejo Meléndez concluem que “é a diversidade, a ausência de tons que a caracteriza. A cultura pop (último grande movimento estético), que deu tantas boas amostras em outros âmbitos, transplantada à poesia resulta vazia e apodrece quase instantaneamente nos epígonos do século XX: os poemas de antanho permanecem vivos, e os atuais nascem mortos: nem são conhecidos, nem são lidos, nem interessam a ninguém” (CALLES VALES / BERMEJO MELÉNDEZ, 2001, p. 244, tradução livre). Essas conclusões catastróficas, que são a síntese da Crise da Pós-Modernidade, podem ser aplicadas conjuntamente às quatro literaturas modernas da Espanha.

As formas como a Crise do Pós-Guerra foi superada por cada uma das quatro literaturas e os novos questionamentos introduzidos pela Crise da Pós-Modernidade, em toda a sua complexidade, estão entre os objetos de estudo propostos pela presente pesquisa.

2 Fronteira literária entre o português e o espanhol na América Latina

No contexto latino-americano a “vizinhança” e o convívio fronteiriço de duas línguas ibéricas, o português e o espanhol, não gerou as mesmas consequências observadas na Península Ibérica.

Por aqui não se observa o bilinguismo literário até hoje característico do sistema peninsular; não há registro de autores latino-americanos que tenham produzido uma obra relevante em ambas as línguas, a despeito de alguns casos isolados e de menor vulto. Afonso X compondo em galego-português e Camões em espanhol corresponderia, para nós, a Machado de Assis escrevendo em espanhol e Borges em português. Não há nenhum exemplo de peso que se possa invocar.

As influências mútuas entre as literaturas brasileira e hispano-americana são extremamente limitadas e tardias. No Brasil as letras hispano-americanas só ganham peso a partir do *Boom* Latino-Americano, entre os anos 1960 e 1970, com escritores como Alejo Carpentier (1904–1980), Julio Cortázar (1914–1984), Carlos Fuentes (1928–), Mario Vargas Llosa (1936–) e Gabriel García Lorca (1928–). Antes disso predominava o desconhecimento mútuo. O estilo chamado Neobarroco, de fins do séc. XX e início do XXI, é o único movimento relevante a congregar escritores dos dois lados da fronteira literária.

De maneira geral pode-se dizer que há um conhecimento maior do leitor brasileiro médio a respeito da literatura hispano-americana do que o inverso. É uma situação oposta ao que ocorre na música, em que os ritmos e artistas brasileiros são bastante difundidos nos países hispano-americanos, ao passo que a música latina é pouco conhecida do grande público e muitas vezes tida como exótica no Brasil. As obras que conseguem maior difusão são poucas e pouco representativas. Dizer por exemplo que Shakira, cantora e dançarina colombiana bem conhecida no Brasil, representa a difusão da música hispânica no Brasil seria o mesmo que se considerar Paulo Coelho, o escritor brasileiro mais lido e publicado na América Latina, como representativo da literatura brasileira.

Portanto, como se verifica uma histórica situação de desconhecimento recíproco no campo literário, não há que se inquirir sobre uma suposta dialética histórica entre as literaturas brasileira e hispano-americana no estilo do que se observa no contexto ibérico, conforme explicado supra.

De qualquer forma, é importante destacar-se que a fronteira literária entre o português e o espanhol na América Latina gerou um fruto inesperado, de todo alheio à experiência histórica observada na Península Ibérica. Do choque entre os dois sistemas literários surgiu uma linguagem totalmente nova, que vem desbravando um caminho tão corajoso quanto por vezes temerário. Trata-se da florescente literatura em portunhol.

2.1 O portunhol

O portunhol é uma “interlíngua” que se forma do contato entre falantes das línguas portuguesa e espanhola. É uma língua mestiça, híbrida, nascida espontaneamente do convívio entre falantes do português e do espanhol, que não se deixa domar por regras gramaticais nem se limita a um léxico estruturado. Caracteriza-se pela oscilação entre o português e o espanhol, mantendo-se permanentemente aberta, sem estruturar-se segundo um código previamente estabelecido. Não se pretende uma língua à parte e se reinventa a cada dia.

É um eficiente recurso de comunicação que viabiliza o comércio, o turismo e outras relações interpessoais nas zonas de fronteira, sobretudo em situações que não exigem o emprego de estratégias retóricas mais elaboradas nem maiores formalidades. Tanto os lusofalantes quanto hispanofalantes em geral sentem-se confortáveis para empregar um léxico e uma sintaxe que julgam, no mais das vezes equivocadamente, aptos a estabelecer uma comunicação precisa com o outro.

Curiosamente, muitas pessoas julgam dominar perfeitamente a outra língua enquanto, na verdade, fazem uso inadvertido do portunhol.

2.2 A literatura em portunhol

O poeta modernista Oswald de Andrade (1890–1954) foi um dos primeiros autores brasileiros a empregar o portunhol na literatura, como se vê nesta passagem de *Serafim Ponte Grande*, romance publicado em 1933:

Uma vez puso dos ingleses nocaute em la calle! Pasavam e mi daban encontrones todavia! Yo me fui arrabiando e exclame: - Animales! Hijos de puêta! Se volvieron luego diez ou doce! Mas antes de fechar el tiempo, dê al primeiro uno swing em la nariz, al segundo um chochet em la padaria. Fuemos todos parar em el pau. Se reía de mi muque el jefe de Polizia! E me invito para instrutor de Box de sua famijia! (ANDRADE, 1975, p. 262, *apud* FERRO)

A expressão “Hijos de puêta”, acima, lembra tanto *hijos de puta* quanto *hijos de poeta*. Isso demonstra já aí uma das potencialidades do portunhol que viriam a ser amplamente exploradas por outros autores, a polissemia, a multiplicidade de

significados. O que na linguagem cotidiana resulta ser acidental poderia ser cultivado de maneira consciente na literatura.

No campo da cultura de massas oportunhol é empregado desde há muito tempo. Para citar-se um único exemplo, a telenovela *Ti Ti Ti*, exibida pela Rede Globo entre 1985 e 1986, tinha um personagem que fingia ser um famoso costureiro espanhol, de nome Victor Valentín, interpretado pelo ator Luis Gustavo. O personagem tinha como característica marcante o fato de empregar um espanhol fajuto, cheio de erros e improvisos sintáticos e semânticos, que bem caracterizam oportunhol.

Outro exemplo, já na seara da cultura pop dos anos 1990, é a publicação das tirinhas de *Los três amigos*, com personagens criados pelos cartunistas Angeli, Glauco e Laerte, aos quais mais tarde aderiu Adão Iturrusgarai.



fonte: <www2.uol.com.br/laerte>

Assim como os três mosqueteiros eram quatro, *Los três amigos* eram também quatro personagens, caricaturas de seus autores que vivenciavam aventuras rocambolescas no velho oeste mexicano. Um dos traços mais cômicos da tirinha era o emprego de umportunhol carregado e repleto de engenhosos “neologismos”, como se pode observar na tirinha acima.

De volta à literatura, o escritor e antropólogo argentino Néstor Perlongher (1949–1992), por muitos anos radicado no Brasil, considera oportunhol como uma possibilidade de experimentação poética, um instrumento da comunicação cotidiana empregado a serviço da criação poética. Nesse sentido, declarou em uma entrevista que “hay posibilidades poéticas del portuñol que son muy interesantes. Hay cosas que pasadas del registro del español al portuguêson una espécie de *poesía automática*”,

concluindo que “Lo genial del portuñol es que existen las mismas palabras y dicen cosas diferentes: *porra* aqui es palo, em Brasil es semen”. (PERLONGHER, 2004, p. 284 e 313)

Para Perlongher a potencialidade do emprego do portunhol na poesia reside, portanto, nas possibilidades de exploração das ambiguidades entre os dois idiomas que lhe dão origem. A abertura para contribuições das populações marginais, o emprego facilitado do baixo calão e das gírias de rua e dos desvios populares à norma culta seriam outros fatores a seduzir os escritores a adotarem o portunhol como linguagem literária.

Perlongher citou acima as possibilidades da ambivalência do termo “porra”. Seguindo sua linha de raciocínio, listamos a seguir alguns exemplos de falsos cognatos cuja polissemia interlinguística poderia ser explorada por um autor em portunhol (com *itálico* em espanhol, em português sem):

<i>acceso</i> (entrada)	aceso (<i>encendido</i>)
<i>acordar</i> (lembrar; pôr-se de acordo)	acordar (<i>despertarse; ponerse de acuerdo</i>)
<i>acreditar</i> (garantir)	acreditar (<i>creer</i>)
<i>asignatura</i> (disciplina)	assinatura (<i>firma</i>)
<i>cachorro</i> (filhote)	cachorro (<i>perro</i>)
<i>calzada</i> (meio da rua)	calçada (<i>acero</i>)
<i>cola</i> (fila)	cola (<i>pegamento</i>)
<i>crianza</i> (criação)	criança (<i>niño</i>)
<i>dirección</i> (endereço)	direção (<i>sentido</i>)
<i>escritorio</i> (escrivania)	escritório (<i>oficina</i>)
<i>estante</i> (prateleira)	estante (<i>estantería</i>)
<i>ferias</i> (feiras)	férias (<i>vacaciones</i>)
<i>jornal</i> (salário diário)	jornal (<i>periódico</i>)
<i>largo</i> (comprido)	largo (<i>ancho</i>)
<i>oficina</i> (escritório)	oficina (<i>taller</i>)
<i>rato</i> (lapso de tempo)	rato (<i>ratón</i>)
<i>rojo</i> (vermelho)	roxo (<i>morado</i>)
<i>rubio</i> (loiro)	ruivo (<i>pelirrojo</i>)
<i>vaso</i> (copo)	vaso (<i>jarrón</i>)

O escritor paranaense Wilson Bueno (1949–2010) é o autor de uma obra canônica em portunhol, *Mar paraguay* (1992), numa linguagem resultante da mescla do português, do espanhol e do guarani.

O poeta e editor Douglas Diegues (1965–), carioca de origem e radicado na fronteira Brasil-Paraguai, criou o movimento *Portunhol Salvaje*, que reúne diversos autores latino-americanos em busca das possibilidades da linguagem híbrida de nossa fronteira literária. É hoje o autor mais representativo e militante dessa nova vertente que, ao eleger o portunhol como meio de expressão poética, representa uma reação e uma resistência ao mercado, opondo-se à dicotomia centro–periferia.

A escritora argentina Gabriela Bejerman (1973–), no livro *Presente perfecto* (Interzona, 2004), que reúne duas novelas breves, faz uso de inúmeras expressões em portunhol em meio a um relato lésbico de uma viagem a turismo ao Rio de Janeiro.

Considerações finais

Na Península Ibérica o convívio de inúmeras línguas em um espaço diminuto gerou importantes impactos no âmbito da literatura. A fronteira literária repercute em especial na situação de bilinguismo literário por parte de inúmeros autores, antigos e atuais, assim como num movimento permanente de influências mútuas entre as principais literaturas da região: a portuguesa, a espanhola, a catalã, a galega e a basca. Essas quatro últimas, em especial, têm historicamente estabelecido uma relação dialética baseada na alternância de posições de predomínio de umas em relação às outras.

Já na América Latina a fronteira literária entre o português e o espanhol não seguiu o movimento observado no contexto ibérico. Por aqui não se observou o bilinguismo literário e as influências mútuas são deveras limitadas. Por outro lado, a promissora literatura em portunhol vem a constituir a mais concreta instância de integração e livre-circulação em nossa fronteira literária sul-americana.

Bibliografia

ALDEKOA, Iñaki. *Historia de la literatura vasca*. Donostia: Erein, 2004.

ARIZTIMUÑO, José de (“Aitzol”). *Idazlan guztiak = Obras completas*. 6 vols. San Sebastián: Erein, 1986-1988.

CALLES VALES, José; BERMEJO MELÉNDEZ, Belén (Org.). *Colección de poemas: los mejores versos épicos, dramáticos y de amor escritos en lengua castellana a lo largo de la historia*. Madrid: El Ateneo, 2001.

FERRO, Gabriela Beatriz Moura. *A poesia desterritorializante de Néstor Perongher – uma leitura de Hule*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GARCÍA SIMÓN, Diana. Ausias March y Garcilaso de la Vega: una comparación. (S.d.) In: *Liceus Portal de Humanidades*. Disponível em: <<http://www.liceus.com/cgi-bin/ac/pu/0440.asp>>. Acesso em: out.2009.

KORTAZAR, Jon. *Diglosia y literatura vasca*. Postgrado Especialista en Estudios Vascos: Ciencias Humanas, Sociales y Naturales. [S.l.]: Fundación Asmoz, [2007].

_____. Olhar milenarista sobre a literatura basca. In: *Revista Cult*, n. 46, maio 2001. p. 55-57.

KORTAZAR, Jon; ELORTZA, Jerardo (Coords.). *Lengua y literatura*. Postgrado Especialista en Estudios Vascos: Ciencias Humanas, Sociales y Naturales. [S.l.]: Fundación Asmoz, [2007].

PERLONGHER, Néstor. *Papeles insumisos*. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2004.

PRIETO, Melquíades (Edición). *Antología de la poesía española e hispanoamericana*. Madrid: Biblioteca Edaf, 2000.

VARGAS, Fábio Aristimunho. *Panorama histórico de la poesía vasca: una mirada lusohablante*. 2008. 78 f. Trabajo de investigación (Postgrado en estudios vascos) – Fundación Asmoz de Eusko Ikaskuntza / Universidad del País Vasco, São Paulo / Foz do Iguaçu.

_____. (Org. e trad.). *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*. São Paulo: Hedra, 2009.

_____ (Org. e trad.). *Poesia catalã*: das origens à Guerra Civil. São Paulo: Hedra, 2009.

_____ (Org. e trad.). *Poesia espanhola*: das origens à Guerra Civil. São Paulo: Hedra, 2009.

_____ (Org. e trad.). *Poesia galega*: das origens à Guerra Civil. São Paulo: Hedra, 2009.